

# As exigências da profecia para uma ética cristã em sociedades seculares

## The requirements of prophecy for a Christian ethics in secular societies

*Vitor Coutinho\**

**Sumário:** Partindo da proposta do Papa Francisco para os cristãos assumirem um estilo de vida eclesial que implique o confronto com os desafios do mundo contemporâneo, este texto propõe-se reflectir sobre as consequências para a ética cristã da «saída em missão». A fé cristã leva a uma ética que traduza as exigências da profecia, uma ética profética que realize à luz da Palavra de Deus a função crítica própria da fé cristã. A aceitação de uma ética que integre o potencial crítico da fé cristã e as exigências proféticas da evangelização implicarão necessariamente a inclusão de algumas dimensões e funções próprias da ética cristã.

**Palavas-chave:** Fé e Moral; Específico da ética cristã; *Evangelii gaudium*; Ética profética.

**Abstract:** Taking the proposal of Pope Francis that Christians commit to an ecclesial life style that implies confrontation with the challenges of the contemporary world as a starting point, this text proposes a reflection on the consequences for Christian ethics of an «exit in mission». Christian faith leads to an ethics that translates the demands of prophecy, a prophetic ethics that, at the light of the Word of God, fulfils the critical role that is proper to Christian faith. The acceptance of an ethics that integrates the critical potential of Christian faith and the prophetic demands of evangelisation will necessarily imply

---

\* *Doutor em Teologia pela Universidade de Münster (Alemanha), com especialização em Ética Teológica. Professor Auxiliar da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa.*

the inclusion of some dimensions and functions that are proper to Christian ethics.

**Key-words:** Faith and Moral; Specific of Christian ethics; *Evangelii gaudium*; Prophetic ethics.

Ao apresentar a exortação apostólica «*Evangelii gaudium*» (EG), o Papa Francisco quis incentivar as comunidades católicas e os agentes eclesiais a repensarem a evangelização a partir da renovação de algumas perspectivas e da indicação de atitudes próprias da vida cristã que se devem tornar centrais e prioritárias no agir da Igreja e de cada cristão. A saída em missão, que é proposta neste documento, exige um confronto com os desafios do mundo contemporâneo e deve ter como motivação uma paixão por Jesus Cristo e um amor aos homens e mulheres com quem se quer partilhar a alegria do Evangelho. Este apelo a ir ao encontro dos que precisam do anúncio evangélico percorre todo o texto papal, tendo neste trecho uma formulação muito incisiva: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! [...] Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida” (EG 49).

Já neste apelo é visível a ligação que é feita entre a proposta de adesão a Jesus Cristo e a proposta de um horizonte de sentido perante o qual se possa situar a existência de cada pessoa, nas situações que tem de enfrentar e nas opções que vai realizando. É a este nível que se apresenta a oportunidade de uma reflexão ética que vá ao encontro daquilo que é uma exigência da missão cristã: a necessidade de uma “voz profética” (EG 218). O ângulo da nossa abordagem será o da ética fundamental, que abre, certamente, para desenvolvimentos no âmbito da ética pessoal e social<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Este texto foi preparado como base da conferência inaugural, a 18.08.2015, do I Simpósio do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia (18-20 de Agosto de 2015), na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil), e retoma, nalgumas partes, reflexão já exposta em: COUTINHO, V. *Bioética e Teologia: que paradigma de interacção?*, Coimbra: Gráfica de Coimbra 2005; COUTINHO V. *A vida nova em Cristo. A identidade da ética cristã à luz da moral de São Paulo*. In: *Humanística e Teologia*, v.

## 1. A proposta moral como conteúdo da missão profética

O tema “Profecia e Sociedade” pressupõe um ponto de partida, que nos é sugerido pelo Papa Francisco na exortação apostólica «*Evangelii gaudium*»: uma autocompreensão da Igreja como comunidade eclesial missionária, uma “Igreja em saída” (EG 20ss) com a missão de evangelizar. É o próprio Papa, na encíclica seguinte, quem afirma que com este documento quis “mobilizar para um processo de reforma missionária ainda pendente”<sup>2</sup>.

A tarefa de evangelização tem de incluir, nas devidas proporções, uma proposta moral, para que seja possível crescer na fidelidade ao estilo de vida do Evangelho. O Papa refere-se a isso da seguinte forma: “é oportuno indicar sempre o bem desejável, a proposta de vida, de maturidade, de realização, de fecundidade, sob cuja luz se pode entender a nossa denúncia dos males que a podem obscurecer. Mais do que peritos em diagnósticos apocalípticos ou juízes sombrios que se comprazem em detectar qualquer perigo ou desvio, é bom que nos possam ver como mensageiros alegres de propostas elevadas, guardiões do bem e da beleza que resplandecem numa vida fiel ao Evangelho” (EG 168).

A fidelidade ao Evangelho tem certamente implicações morais e leva a um ethos compatível com a fé, a um comportamento que seja expressão da adesão a Jesus Cristo. De facto, a generalidade das pessoas considera que a dimensão moral está, de algum modo, ligada à dimensão religiosa e que há uma unidade entre a fé e a vida moral. O Catecismo da Igreja Católica aponta também nesse sentido: “Reconhecendo pela fé a sua nova dignidade, os cristãos são chamados a levar, doravante, uma vida digna do Evangelho de Cristo” (n. 1692).

A inserção num determinado contexto de fé leva a adoptar determinados parâmetros morais. Dificilmente uma pessoa crente poderá dizer que a sua fé não tem qualquer influência na sua vida. Seria legítimo duvidar da autenticidade da fé de quem afirmasse que

---

32, 2011, p. 113-158; COUTINHO, V. *Professar, celebrar e viver a fé. Liturgia e ética: da celebração da fé à vida moral do crente*. In: Pastoral Catequética, v. 9/27, 2013, p. 23-43.

<sup>2</sup> FRANCISCO, *Encíclica «Louvado sejas»*, Vaticano, 2015, n. 3.

as suas convicções religiosas não deixam qualquer vestígio no seu comportamento e nas suas opções.

Isto é evidente na vivência da fé cristã: desde os inícios do cristianismo, as comunidades rejeitam alguns comportamentos considerados imorais e consideram a fé inconciliável com certo tipo de atitudes; também verificamos que as conversões à fé são habitualmente acompanhadas de mudanças na vida. Os textos bíblicos do Novo Testamento apresentam o convite a aderir a Jesus Cristo juntamente com exortações de carácter moral; e nos textos paulinos é muito clara a preocupação de dar um conteúdo moral à vida cristã. Também é certo que o conteúdo moral da vida dos crentes vai mudando ao longo dos tempos, à medida que se transforma a sensibilidade aos valores morais, à medida que a reflexão ética evolui e que as circunstâncias históricas apresentam novas situações. Apesar desta variação do conteúdo moral, do ethos das comunidades cristãs, é permanente e contínuo o esforço por viver moralmente bem. É próprio do crente esforçar-se por viver melhor, por ter comportamentos rectos, por impregnar a sua vida do amor que a experiência de fé lhe faz descobrir. Não encontramos nenhuma forma de vida verdadeiramente cristã que não tenha um compromisso moral. A história mostra-nos que a vida dos cristãos foi sempre marcada pela exigência de procurar uma vida recta, pela busca de ideais morais cada vez mais elevados.

Esta ligação entre a fé e a dimensão moral da vida é explicada num documento dos bispos franceses da seguinte forma: “A ligação entre a fé e a moral é constitutiva da experiência cristã: qualquer separação tornaria vã a adesão da fé, privando-a da sua natureza específica de resposta ao amor originário de Deus. A resposta a este amor gratuito de Deus não se reduz a um discurso, mas realiza-se num testemunho concreto de amor que se exprime em actos”<sup>3</sup>. É certo que a fé e a ética são realidades de âmbitos distintos, mas nem por isso incomunicáveis. O crente não pode, por isso, ter opções morais impermeáveis à sua experiência de fé, nem pode deixar de recorrer aos elementos da sua compreensão teológica para a reflexão ética.

---

<sup>3</sup> CONFÉRENCE DES EVÊQUES DE FRANCE. *Proposer la foi dans la société actuelle. Lettre aux catholiques de France*, Paris: Cerf, 1996, p. 24.

Deste ponto de vista, parece-nos ser correcto afirmar que o agir moral dos cristãos tem exigências próprias. Caso contrário, teríamos de admitir uma irrelevância prática da fé cristã, ficando a fé reduzida a um elemento sentimental, de carácter intimista. Uma fé sem implicações na vida, seria uma religião reduzida aos seus rituais, uma ideologia apenas com dogmas, uma espiritualidade desencarnada ou uma filosofia abstracta.

O Papa Francisco explica esta exigência de ligar fé e vida moral de uma outra forma: “O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros. E, uma vez comunicado, o bem radica-se e desenvolve-se. Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem” (EG 9). A missão evangelizadora comporta necessariamente a reflexão ética, a exigência de ideais morais e a proposta de comportamentos que traduzam o compromisso com Jesus Cristo: “O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (EG 177).

Um determinado perfil moral é, pois, constitutivo da identidade cristã. A identidade cristã da vida moral corresponde a um estilo próprio de vida, a uma “forma de habitar o mundo”<sup>4</sup>. É outra forma de dizer que o cristianismo não pode ficar reduzido a um ensino doutrinal, mas tem de se manifestar em expressões variadas e plurais de presença activa no mundo, de compromisso na construção de sociedades mais humanas e de espaços onde Deus tenha lugar na vida dos homens e mulheres. Por outras palavras, a fé cristã tem de nos ajudar a fazer com que o mundo seja eticamente mais habitável.

---

<sup>4</sup> THEOBALD, Ch. *Le christianisme comme style. Entrer dans une manière d’habiter le monde*. In: *Revue d’éthique et de théologie morale*, v. 251, 2008, p. 236.

## 2. O modelo ético próprio da proposta moral cristã

Quando afirmamos que o anúncio da fé também exige o questionamento ético e que está associado a exortações de carácter moral temos de esclarecer qual o modelo de ética que está subjacente à nossa perspectiva.

Na exortação apostólica «*Evangelii gaudium*» o Papa Francisco refere-se à dimensão moral da vida indicando “o bem desejável, a proposta de vida, de maturidade, de realização, de fecundidade” (168). Está aqui implícita uma concepção de moral que tem como critério atingir o bem, realizar uma vida humanamente boa. É à luz deste critério de moralidade que se faz a denúncia do mal, a rejeição de tudo o que impede a realização plena da pessoa humana.

A moral cristã apresenta-se como uma moral do ser humano, no sentido em que todos os seus conteúdos éticos são elementos de realização humana e são exigências morais para qualquer pessoa, independentemente do seu credo. Uma argumentação teológica não pode desvalorizar dimensões humanas significativas nem menosprezar aspirações legítimas do ser pessoa. A teologia está ao serviço do homem enquanto tal e a sua participação no debate ético só faz sentido se contribuir para valorizar a pessoa humana. O objectivo da sua reflexão é garantir uma abordagem abrangente e completa do homem, numa sociedade onde ele é frequentemente isolado, segmentado e reduzido à parcialidade de algumas dimensões. A questão ética é a questão da realização humana, da felicidade pessoal, ou, em perspectiva religiosa, da salvação. A ética teológica não é, por isso, uma ética específica para os cristãos, mas uma ética humana motivada teologicamente.

Quando a Igreja propõe que as sociedades civis adoptem determinados critérios ou padrões morais, sabe que não está a apresentar convicções exclusivas da sua fé, mas fá-lo porque está convicta de que essas exigências morais são condições fundamentais e imprescindíveis para que os indivíduos se realizem enquanto pessoas humanas. É neste sentido que o Papa Francisco afirma que “a proposta é viver a um nível superior, mas não com menor intensidade; [...] Quando a Igreja faz apelo ao compromisso evangelizador, não faz mais do que

indicar aos cristãos o verdadeiro dinamismo da realização pessoal” (EG 10). O decisivo da proposta cristã é a experiência de ser salvo por Jesus Cristo e de viver em relação com Ele. A preocupação moral fundamental será, portanto, viver da forma mais intensa possível à luz dessa experiência de fé. Uma excessiva normatividade poderia obscurecer a importância deste aspecto fundamental da vida cristã. Por outro lado, a pretensão de regular excessivamente com normas a vida moral entraria em contradição com a natureza do discernimento moral, que inclui necessariamente uma dimensão pessoal e, à luz da fé cristã, realiza-se na relação com o Espírito de Deus. O Papa Francisco tem em conta a perspectiva de uma moral pessoal como discernimento no Espírito: “Para se chegar a um estado de maturidade, isto é, para que as pessoas sejam capazes de decisões verdadeiramente livres e responsáveis, é preciso dar tempo ao tempo” (EG 171). A proposta moral que os cristãos apresentam não pode, portanto, limitar-se a um conjunto de normas morais, desenraizadas da experiência da fé ou racionalmente insustentáveis.

Ao afirmar que a moral cristã deve estar enraizada na fé não estamos, portanto, a dizer que o conhecimento moral resulte directamente dos dados da fé; pelo contrário, ele deve ser construído a partir de uma reflexão que assente na racionalidade ética. A opção por Jesus Cristo não dispensa a necessidade de uma reflexão argumentativa. A razão desta exigência radica na possibilidade de compreender racionalmente a realidade, conferindo-lhe significado e integrando-a num sentido. Assim, a razão humana é o lugar da percepção das exigências morais. Ou seja, a pessoa tem capacidade natural para conhecer o bem e o mal. Alfons Auer explica da seguinte forma: “A realidade na qual o homem está inserido e envolvido é uma realidade finalizada para um sentido e uma ordem, isto é, possui uma racionalidade essencial”<sup>5</sup>. A interpretação desta realidade é exercida de forma dinâmica e em diálogo com os condicionalismos históricos; por isso, a racionalidade da moral não se revela tanto na especulação abstracta, mas sobretudo na reflexão das experiências históricas da humanidade.

---

<sup>5</sup> AUER, A. *Autonome Moral und christlicher Glaube*, Düsseldorf: Patmos, 1995, p. 22.

Josef Fuchs explicita de forma mais precisa que a moral cristã é a moral do ser humano, que, como tal, não é propriedade exclusiva de ninguém<sup>6</sup>. Este autor mostra como os diversos preceitos da moral cristã correspondem a exigências plenamente humanas de realização e são, por isso mesmo, princípios de qualquer ética humana. No mesmo sentido argumenta Franz Böckle quando considera que a moral cristã é uma moral do autêntico ser homem: isto exige que os conhecimentos resultantes de uma reflexão teológica sejam apresentados na sua relevância humana geral<sup>7</sup>. O conteúdo material de uma ética cristã será, portanto, idêntico ao de uma ética secular. Ambas são éticas do ser humano.

Esta perspectiva é apoiada pela teologia de S. Tomás de Aquino, que, sem neutralizar a fé, sustenta que a fonte do conhecimento ético é a razão humana. Isto permite-nos conciliar uma autonomia moral do ser humano com um pensamento religioso e teológico. Agir eticamente é agir segundo a razão e desenvolver as potencialidades da realidade<sup>8</sup>. A tese de uma autonomia moral, assim entendida, não só é compatível com um discurso teológico, como é, no sistema tomista, querida por Deus. A redenção do homem não dissolve o humano, mas leva-o à sua plenitude.

### 3. Da saída ao diálogo: o método de um discurso ético profético

Esta perspectiva exige que a atitude da comunidade cristã na procura e na proposta de orientações éticas para a vida dos indivíduos e das sociedades seja a do diálogo. O diálogo é, na exortação apostólica «*Evangelii gaudium*» uma categoria fundamental. Diz o n.º 74 que “a Igreja é chamada a ser servidora de um diálogo difícil”, precisamente quando numa sociedade convivem diversas formas culturais, que correspondem a diferentes mundividências. Este diálogo

<sup>6</sup> Cf. FUCHS, J. *Gibt es eine spezifisch christliche Moral?*. In: *Stimmen der Zeit*, v. 185, 1970, p. 99-112.

<sup>7</sup> Cf. BÖCKLE, F. *Glaube und Handeln*. In: *Concilium*, v. 12, 1976, p. 644.

<sup>8</sup> São estas as duas referências tomistas do agir ético, de acordo com a interpretação proposta por SCHOCKENHOFF, E. *Bonum hominis. Die anthropologischen und theologischen Grundlagen der Tugendethik des Thomas von Aquin*, Mainz: Grünewald, 1987, p. 573-575.



motivado pelo espírito do Evangelho exige uma abertura a Deus, para que a própria Igreja se sinta desafiada a ir mais longe na procura de respostas adequadas, e uma abertura ao homem, para que as respostas encontradas possam ser partilhadas pelos que pertencem a comunidades culturais e morais diferentes. O diálogo é visto, assim, como uma categoria teológica e moral, que pressupõe a relação com Deus e o encontro interpessoal, implica uma escuta que leve a sério a realidade dos outros, valorizando-a devidamente, implica a saída de si mesmo com a disposição para abandonar posições assumidas.

O Papa João Paulo II, na encíclica «*Evangelium vitae*», referindo-se à reflexão sobre os novos problemas das ciências biomédicas, salienta a necessidade de diálogo entre as diversas concepções filosóficas e teológicas na reflexão da ética da vida<sup>9</sup>. Trata-se, certamente de um diálogo que não é simples oportunidade de confronto, mas sobretudo um processo pelo qual os diversos intervenientes assumem a argumentação dos outros e integram na própria reflexão a perspectiva das outras partes. É um diálogo aberto, interdisciplinar, sistemático e eticamente plural.

Uma ética profética tem de assumir, necessariamente, uma metodologia dialógica. Só assim é possível o confronto entre as diferentes posições. O valor desta atitude dialogal assenta no facto de que esta “apela no indivíduo àquilo que há de mais humano nele: a aptidão para o diálogo, a aptidão para a palavra e para a escuta, a aptidão para acolher o ponto de vista do outro, para tentar compreendê-lo, para captar a sua norma de uma certa forma”<sup>10</sup>. A modalidade discursiva, ou dialógica, permite orientar os participantes para a busca de uma base comum, que se pode traduzir em consenso ou em compromisso. A metodologia dialogante na reflexão ética é “uma exigência moral, porque os afectados pelas decisões têm oportunidade de defender interesses universalizáveis”<sup>11</sup>. Ao reconhecer os interlocutores como

<sup>9</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica «Evangelium vitae»*, Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1995, n.º 20 e 27.

<sup>10</sup> DURAND, G. *Introduction générale à la Bioéthique: Histoire, concepts et outils*, Paris/Montréal: Cerf/Fides, 1999, p. 427.

<sup>11</sup> FEITO GRANDE, L. *Comités de ética*. In: GARCÍA, J; ALARCOS F. (Dir.), 10 palabras clave en humanizar la salud, Estella: Verbo Divino, 2002, p. 219.

participantes legítimos do diálogo demonstramos um respeito fundamental por eles.

Como refere o Papa Francisco, “a verdadeira abertura implica conservar-se firme nas próprias convicções mais profundas, com uma identidade clara e feliz, mas «disponível para compreender as do outro» e «sabendo que o diálogo pode enriquecer a ambos»” (EG 251). No exercício da sua missão profética, a Igreja não pode pôr de lado as questões éticas, mas terá de estar disposta a fazer o caminho da elevação moral com os homens e mulheres de boa vontade.

#### **4. A função da fé na elaboração de uma proposta moral cristã**

O primeiro e fundamental desafio para uma ética cristã é deixar que a experiência da fé seja relevante e significativa para a vida moral. Por outras palavras, a fé deve marcar uma diferença e constituir um valor acrescentado, tanto à reflexão ética como à própria vida moral. É, contudo, necessário clarificar em que medida a fé tem implicações na dimensão moral da vida, que relação podemos encontrar entre a teologia e a ética, qual a função que a fé pode desempenhar na reflexão ética.

Para dar resposta a esta questão é importante recordar que a ética, ou moral, tem dois níveis distintos. Um, é o nível normativo, aquele em que decidimos que esta decisão concreta é correcta, que determinada opção é melhor que outra; é o momento em que realizamos juízos morais práticos. Outro, é o nível fundamental, que é prévio ao normativo, no qual fazemos as nossas opções de fundo, identificamo-nos com valores, assumimos objectivos, vamos elaborando as nossas concepções de vida, de bem e de mal. É deste âmbito fundamental e fundante da existência humana que brotam opções morais concretas.

As normas e os princípios morais, bem como os juízos concretos, são resultado de concepções mais globais, de valores fundamentais, de perspectivas de sentido e de objectivos de vida. A distinção destes dois níveis é importante para percebermos que há uma relação entre as concepções fundamentais e as decisões concretas, mas não há uma correspondência directa.

A fonte fundamental de toda a identidade, e também da identidade cristã, situa-se sobretudo ao nível das concepções fundamentais geradoras de sentido, das coordenadas interpretativas do mundo e da vida humana. É aqui que entra a fé como elemento determinante de uma identidade própria do agir moral dos cristãos. A atitude religiosa confere ao crente um quadro próprio de referências, que proporciona parâmetros interpretativos da vida humana. Por isso, se atribui à teologia uma função hermenêutica privilegiada. As intuições de fé não alteram os dados da vida humana, mas provocam uma leitura diferente desses dados, uma determinada integração e orientação. O papel interpretativo do pensamento teológico permite-lhe decifrar um sentido oculto no sentido aparente, descobrir outros níveis de significação no significado literal<sup>12</sup>.

Ao proporcionar quadros de referência fundamentais, a fé cristã assume um papel de relevo precisamente na sensibilização para determinados valores humanos, na constituição do carácter e numa concepção de realização da pessoa humana. A ética cristã não tem como primeira preocupação definir normas e princípios, mas inserir as normas e os princípios num contexto interpretativo que lhes confere sentido. Mais do que apresentar normas e valores novos, a fé confere estímulo para captar, compreender e assumir as normas e valores humanos mais significativos. “A tradição cristã ilumina esses valores, apoia-os e proporciona-lhes um contexto para saber lê-los nas circunstâncias concretas da vida; serve para sublinhar os verdadeiros valores humanos contra todas as tentativas culturais de distorcê-los”<sup>13</sup>. Esta é a forma mais significativa de a fé influenciar os juízos e as decisões morais, de contribuir para a reflexão ética.

É, portanto, ao nível da iluminação que a fé proporciona à percepção da realidade que a teologia desempenha um papel mais significativo na reflexão ética. Os juízos morais, a percepção de valores, a avaliação de virtudes, ou a elaboração de normas morais

---

<sup>12</sup> Cf. DOUCET, H. *Au pays de la bioéthique. L'éthique biomédicale aux États-Unis*. Geneve: Labor et Fides, 1996, 62. Cf. também DOUCET H. *La contribution du théologien en bioéthique*. In: PARIZEAU, M.-H. (Ed.), *Les fondements de la bioéthique*, Bruxelles : De Boeck 1992, p. 54.

<sup>13</sup> GAFO, J. *Bioética teológica*, Bilbao: Desclée De Brouwer, 2003, p. 134.

são fortemente marcados pelas concepções fundamentais da vida e do homem, pelas influências culturais e religiosas, pelas motivações pessoais e influências sociais. Aceitando que toda a ética procura responder à questão do sentido do agir humano e dos valores envolvidos nas diversas situações e opções das pessoas, reconhecemos que só se pode realizar reflexão moral a partir de um contexto determinado e inseridos numa visão global da vida, já que só é possível encontrar uma orientação a partir de coordenadas definidas, da percepção de pontos de partida e de chegada, do confronto da situação actual com as metas assumidas. “A dimensão de sentido e a função de orientação dos juízos morais chamam a atenção para o facto de que a reflexão ética não se realiza num ‘vácuo’. Ela situa-se sobretudo num contexto determinado, dependente do sujeito que reflecte, da situação concreta e das possibilidades de acção”<sup>14</sup>. A procura de um agir com sentido e orientado para a realização de valores pressupõe uma visão global da vida, do mundo e do homem. A religião e a fé proporcionam precisamente esta concepção global de vida, essa visão do mundo e do homem que constitui o pano de fundo perante o qual se desenrolam as decisões e acções humanas.

A especificidade de uma ética cristã não se encontra, pois, em normas novas; nem os juízos morais concretos podem ser deduzidos directamente da fé. A fé e os seus recursos têm uma influência directa nas intuições ou perspectivas moralmente relevantes<sup>15</sup>. O verdadeiro contributo que a fé oferece à moral, a teologia à ética, é proporcionar um recurso hermenêutico através de concepções fundamentais e globais, de uma mundividência, de uma visão da pessoa humana e da vida, de uma concepção do bem, de possibilidades de fundamentação; a fé confere ao agir moral objectivos determinados, um horizonte de sentido, uma motivação para agir, uma nova intencionalidade para o comportamento, um estímulo para a elevação moral, uma fonte de significado, referências de orientação.

---

<sup>14</sup> LAUBACH, Th. *Was hat die Religion in der Angewandten Ethik verloren? Eine Problemorientierung*. In: LAUBACH Th. (Ed.), *Angewandte Ethik und Religion*, Tübingen: Francke, 2003, p. 13.

<sup>15</sup> Assim se exprime BÖCKLE, *Op. cit.*, p. 643.

Deste modo é legítimo concluir que a inclusão das referências de fé não descaracteriza a racionalidade ética nem a isola no campo das opções confessionais, pois, como vimos, uma correcta interacção dos dois âmbitos não exclui as categorias de ordem teológica nem retira à ética a sua componente racional.

## 5. A ética cristã como ética profética

Segundo Max Seckler, a consciência religiosa é a forma mais remota de consciência crítica<sup>16</sup>. O carácter crítico do pensamento religioso está radicado na natureza da própria atitude religiosa. É constitutivo de todas as formas de religião ocuparem-se com alguma representação da divindade, que é, por definição, o totalmente santo, a transcendência absoluta, o totalmente outro perante todas as realidades do nosso mundo. A consciência religiosa é, precisamente, a consciência desta diferença, é a afirmação do carácter não absoluto de cada realidade.

Tal carácter crítico surge claramente nos livros bíblicos, tanto nas imagens de juízo, como nas críticas proféticas, ou nas visões apocalípticas: questiona-se abertamente a religião instituída, os deuses adorados, a imagem de Deus vigente, as estruturas sociais e religiosas. Paradigmático no contexto bíblico é o comportamento crítico de Jesus Cristo perante a autoridade religiosa do seu tempo.

À luz desta tradição, a teologia cristã só pode preservar a sua identidade e as comunidades cristãs só terão legitimidade para um discurso profético se conservarem uma consciência simultaneamente crente e crítica, numa interacção recíproca e criativa. Esta dimensão crítica exige, por um lado, que se recorra aos dados da fé para a leitura dos problemas, e, por outro lado, implica aceitar o confronto com as perspectivas de outros.

---

<sup>16</sup> Cf. SECKLER, M. *Theologie als Glaubenswissenschaft*. In: W. KERN (Ed.), *Handbuch der Fundamentaltheologie*, Vol. 4, Freiburg: Herder, 1988, p. 231: "A religião é no seu fundamento uma forma da consciência crítica». Sobre as funções da tarefa crítica da teologia cf. p. 237-240.

A fé cristã e o discurso teológico têm uma função crítica, porque a realidade histórica não coincide ainda com o projecto de Jesus Cristo. Há, portanto, que confrontar os modelos presentes com o juízo da Palavra de Deus, rejeitar os projectos de existência humana que estejam em contradição com a imagem do homem e do mundo proposta na revelação. O facto de que nenhum modelo histórico-social coincide com os modelos propostos pela fé leva a que os crentes nunca aceitem nenhum como definitivo. A fé impede a absolutização de qualquer bem criado ou de dimensões específicas da pessoa humana. Consequentemente, a ética teológica rejeita todas as formas de absolutização no presente e não absolutiza o presente pondo em causa o futuro ou esquecendo a eternidade. A experiência que adquirimos da leitura da história mostra que toda a forma de absolutismo implica uma forma de reducionismo. Os reducionismos totalitários, sejam de ordem biológica, económica, política ou cultural, acabam sempre por reprimir outras dimensões fundamentais, que a teologia deve trazer para a consideração global dos problemas.

A fé proporciona sempre uma crise, uma purificação, do mundo e dos indivíduos humanos onde ela se concretiza, dado que não aceita qualquer tipo de absolutização das formas históricas concretas. Por isso a fé e inclui um potencial crítico fundamental. Se é certo que nenhuma ética, enquanto pensamento questionante e voltado para um aperfeiçoamento do agir humano, pode prescindir de um papel crítico, que lhe é inerente, com maior razão a ética cristã. Ela não pode, por isso, deixar de rejeitar as opções morais que estejam em contradição com os modelos decorrentes da experiência da fé.

Este lado crítico da ética cristã obriga-a a questionar os consensos gerados e a ter uma agenda de reflexão não marcada pelo politicamente correcto. O seu objectivo é ajudar a ir mais longe na construção de um mundo onde o ser humano se possa realizar em todas as dimensões constitutivas da sua existência, contribuir para integrar todos os elementos indispensáveis a um desenvolvimento orientado para a plenitude, levar a criar espaços de justiça onde o viver de alguns não seja pelo preço da dignidade de outros. A reflexão ética “não pode evitar pôr em causa as posições recebidas, as afirmações genéricas, as tradições estabelecidas, seja quais forem as suas proveniências [...]”.

Impõe-se uma dimensão crítica que consiste, entre outras coisas, em desmascarar os diferentes reducionismos”<sup>17</sup>.

A fé cristã leva, portanto, a uma ética que traduza as exigências da profecia, uma ética profética que realize à luz da Palavra de Deus a função crítica própria da fé cristã<sup>18</sup>. Uma ética profética põe em causa sistemas estabelecidos, contraria as convenções oportunistas e questiona os consensos confortáveis; integra dimensões humanas desvalorizadas e traz à luz do dia interesses menosprezados; inclui nos debates sociais sujeitos excluídos e clama por direitos alienados; insiste em abordar causas e temas esquecidos, trazendo para os debates públicos questões que não seguem as tendências da oportunidade mediática ou a conveniência das instâncias sócio-políticas.

Deve observar-se também que a atitude crítica da ética cristã questiona não apenas as motivações e opções sociais mas também as posições e argumentos da sua própria comunidade religiosa. Daí que, no caso católico, seja imprescindível uma estimulação mútua entre magistério eclesial, especialistas em teologia moral e comunidades eclesiais. Isto não se poderá limitar ao envio e recepção de normativas ou a uma reflexão ética desligada da experiência e do ensino da longa tradição eclesial, mas terá de se concretizar num verdadeiro diálogo que acolha o contributo das diversas partes.

## 6. Implicações de uma ética profética

A aceitação de uma ética que integre o potencial crítico da fé cristã e as exigências proféticas da evangelização implicará necessariamente a inclusão de algumas dimensões e funções próprias da ética cristã.

Admitindo que “a teologia é relevante para a descoberta de problemas éticos”<sup>19</sup>, é-nos legítimo afirmar que uma ética profética tem

---

<sup>17</sup> DOUCET, *La contribution*, p. 59.

<sup>18</sup> A proposta mais significativa de uma função crítica da ética cristã deve-se a AUER, *Op. cit.*, p. 189-197; No mesmo sentido, é afirmado que a bioética deve ser profética por GAFO, *Op. cit.*, p. 90.

<sup>19</sup> MIETH, D. *Das Proprium christianum und das Menschenwürde-Argument in der Bioethik*. In: HOLDEREGGER, A. (Ed.), *Theologie und biomedizinische Ethik. Grundlagen und Konkretionen*, Freiburg: Herder, 2002, p. 136.

como função, antes de mais, ajudar a captar a dimensão moral das diversas situações a partir das chaves de compreensão proporcionadas pela fé, chamando a atenção para as implicações éticas das situações e focando a atenção nos sujeitos envolvidos. A relevância antropológica que, numa leitura teológica, assumem as diversas categorias humanas exige que se identifiquem as devidas consequências de carácter moral, uma vez que a pessoa humana não é redutível a uma compreensão meramente biológica ou social ou cultural ou económica, entre outras.

Outra tarefa que, segundo A. Auer, a fé assume na reflexão ética é a de estímulo na procura de concretizações morais mais humanas e humanizantes: “Tal como o pensamento veterotestamentário da aliança, também a mensagem evangélica encorajou e estimulou todo o autêntico movimento moral realizado na história”<sup>20</sup>. A fé responsabiliza os crentes por encontrarem as melhores respostas aos problemas morais que enfrentam. Ao chamar a atenção para dimensões humanas escondidas pode proporcionar uma apreciação mais profunda dos problemas morais. Neste sentido, a Igreja não pode ser mera guardiã das fórmulas recebidas ou simples conservadora dos códigos morais estabelecidos. O seu papel determinante revela-se, justamente, na medida em que contribui positivamente para uma procura de soluções normativas que melhor protejam os valores morais. Os bispos holandeses, pouco depois do Concílio Vaticano II, ao falar da importância da fé para a vida moral escreviam: “a fé ajuda-nos a ter confiança nas nossas forças, a realizar as nossas possibilidades humanas, porque se trata de possibilidades dadas por Deus [...]; A fé cristã tem uma função inspiradora nos confrontos do ethos porque nos dá a certeza de que poderemos fazer alguma coisa de bom e de sensato da nossa vida, não obstante as nossas experiências de impotência, de insucesso e de absurdo”<sup>21</sup>.

Ainda que nas sociedades seculares não haja outra forma de assumir compromissos morais senão pela via do consenso, é tarefa da ética cristã contribuir para a elevação moral dos consensos morais estabelecidos. Esta exigência decorre do facto de o discurso ético cristão

<sup>20</sup> AUER, *Op. cit.*, p. 193.

<sup>21</sup> Citado por AUER, *Op. cit.*, p. 193.



se inserir necessariamente numa determinada mundividência da qual são deduzíveis propostas de ideais de vida. A ética cristã é uma ética de máximos, isto é, procura a excelência moral. Claro que não pode impor a outras comunidades morais os seus ideais de vida. No entanto pode e deve contribuir para que os mínimos morais compartilhados por todos possam cada vez mais corresponder a um maior respeito pela dignidade humana, possam ser geradores de condições mais justas para as sociedades e possam ajudar cada indivíduo a uma realização pessoal verdadeiramente abrangente. Sem dúvida uma ética de cariz profético assume uma função protectora dos ideais de vida, que nos impede de baixar o nível moral das dimensões humanas mais significativas e nos impele a irmos para além de uma moral minimalista.

Esta elevação moral dos consensos mínimos está ligada a outra exigência de uma ética profética cristã: a proposta de uma moral centrada no sujeito. Uma fundação crente da moral pode ajudar-nos a assumir uma ética centrada nas atitudes e não só nos actos, orientada por valores e não apenas por normas, fundamentada em concepções do bem da pessoa e não apenas na utilidade. Ao dar mais importância ao indivíduo que age do que às acções, a ética contribui não apenas para formular referências normativas correctas, mas ajudará também a criar as condições para que o agir correcto corresponda a uma bondade moral dos indivíduos. Esta perspectiva leva a superar uma simples ética de princípios e a não argumentar com mentalidade legalista. Centra-se não tanto nas características dos actos mas sobretudo naquilo que os motiva e nas qualidades da pessoa que os realiza.

Uma outra tarefa que se atribui à ética cristã é a de ser integrativa<sup>22</sup>. Esta missão da ética cristã, que resulta também do contexto de fé que lhe está na base, concretiza-se a dois níveis.

Ao nível das perspectivas assumidas implica a procura de abordagens globais que ponham de lado reducionismos de qualquer tipo e ao mesmo tempo previnam qualquer absolutismo de dimensões parciais e de aspectos específicos. Dado que a visão teológica do ser humano e do mundo aponta para uma concepção unitária na qual é conferido um sentido à existência humana, é necessário evitar todas

---

<sup>22</sup> Faz parte da proposta de AUER, *Op. cit.*, p. 189-192.

as formas de reducionismo antropológico: reduzir a natureza humana à componente biológica, considerar o indivíduo isolado das suas relações, ver a pessoa apenas como uma parte da sociedade, pressupor concepções dualistas que destroem a unidade do ser humano, não considerar a unicidade de cada indivíduo, ver o bem da sociedade só na perspectiva financeira, entre outras possibilidades.

Ao nível das referências, a reflexão fundada na fé não só não exclui como exige os recursos dos diversos saberes e a ajuda da sabedoria humana. Isto significa que a ética cristã deve integrar as perspectivas não pode ser exclusivista, no sentido de se fechar no seu sistema de referências próprias, criando assim uma ética hermética e irrelevante para quem não partilha a sua fé. Deve procurar a comunicabilidade das suas convicções, partindo do princípio da universalidade dos valores morais, e apresentando a plausibilidade das causas em que se empenha. Para isso tem de recorrer a referências compreensíveis pelos homens e mulheres de boa vontade, captar a historicidade da sensibilidade moral, identificar os acessos ao coração das pessoas do seu tempo e os pontos sensíveis das consciências hodiernas.

Por fim, ainda que pareça paradoxal, uma ética profética tem como tarefa recordar que a realização da pessoa humana ultrapassa a dimensão moral. Esta é fundamental, mas, à luz da fé, não abarca tudo o que é decisivo. Como diz Dietmar Mieth, “a teologia é relevante [...] para a relativização da moral no julgamento de pessoas”<sup>23</sup>. Este autor explica a afirmação recordando que, na perspectiva da fé, o determinante do ser humano não é a sua capacidade moral, mas a sua necessidade de salvação, o sentimento de dependência radical. Aqui se realiza a experiência religiosa de felicidade e de liberdade na relação com Deus.

## 7. Conclusão

Ao concluir esta reflexão parece-nos claro que a missão profética da Igreja tem de apresentar uma proposta moral e deve participar no debate ético; por outro lado, também a ética cristã tem de incluir uma função profética, para ser fiel ao espírito evangélico que a anima.

---

<sup>23</sup> MIETH, *Op. cit.*, p. 136.

Critério desta mútua implicação há-de ser aquele que nos é apresentado na exortação apostólica “*Evangelii gaudium*” (n. 36): tal como nas verdades de fé, também nos ensinamentos morais existe uma hierarquia, uma ordem de importância. “São Tomás de Aquino ensinava que, também na mensagem moral da Igreja, há uma hierarquia nas virtudes e ações que delas procedem. Aqui o que conta é, antes de mais nada, «a fé que actua pelo amor» (Gal 5, 6). As obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito” (n. 37).

O fim de toda a evangelização é, sem dúvida, aproximar os homens e mulheres de hoje do amor salvífico de Deus. Se aqui incluímos também propostas morais é porque elas podem exprimir e ser mediação da ação libertadora de Deus e meios para uma plenitude humana desejada não só por nós mas também pelo próprio Deus.

É à luz desta convicção que deve ser ponderada a oportunidade de discursos morais por parte dos agentes eclesiais, o relevo que eles assumem na pregação eclesial e o carácter vinculativo que podem ter na vida dos cristãos. Sem dúvida que não há existência cristã desligada de um compromisso em aceitar as exigências morais, mas também sabemos que o fundamental da vida cristã se encontra para além do cumprimento formal das normas morais.

Terminamos citando o que o Papa Francisco escreve a este propósito: “Fica claro que a pregação moral cristã não é uma ética estóica, é mais do que uma ascese, não é uma mera filosofia prática nem um catálogo de pecados e erros. O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. Este convite não há-de ser obscurecido em nenhuma circunstância! Todas as virtudes estão ao serviço desta resposta de amor. Se tal convite não refulge com vigor e fascínio, o edifício moral da Igreja corre o risco de se tornar um castelo de cartas, sendo este o nosso pior perigo; é que, então, não estaremos propriamente a anunciar o Evangelho, mas algumas acentuações doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas. A mensagem correrá o risco de perder o seu frescor e já não ter «o perfume do Evangelho»”(EG 39).

## Bibliografia:

- AUER, Alfons. **Autonome Moral und christlicher Glaube**. Düsseldorf: Patmos, 1995.
- BÖCKLE F. **Glaube und Handeln**. In: **Concilium**. v. 12, 1976, p. 641-647.
- CONFÉRENCE DES EVÊQUES DE FRANCE. **Proposer la foi dans la société actuelle. Lettre aux catholiques de France**. Paris: Cerf, 1996.
- COUTINHO, Vítor. **Bioética e Teologia: que paradigma de interação?** Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005.
- COUTINHO V. **A vida nova em Cristo. A identidade da ética cristã à luz da moral de São Paulo**. In: *Humanística e Teologia*, v. 32, 2011, p. 113-158.
- COUTINHO V. **Professar, celebrar e viver a fé. Liturgia e ética: da celebração da fé à vida moral do crente**. In: *Pastoral Catequética*, v. 9/27, 2013, p. 23-43.
- DOUCET, Hubert. **Au pays de la bioéthique. L' éthique biomédicale aux États-Unis**. Geneve: Labor et Fides, 1996.
- DOUCET H. **La contribution du théologien en bioéthique**. In: PARIZEAU, M.-H. (Ed.), *Les fondements de la bioéthique*, Bruxelles: De Boeck, 1992, p. 49-62.
- DURAND, Guy. **Introduction générale à la Bioéthique: Histoire, concepts et outils**. Paris/Montréal: Cerf/Fides, 1999.
- FEITO GRANDE, L. **Comités de ética**. In: GARCÍA, J; ALARCOS F. (Dir.), *10 palabras clave en humanizar la salud*, Estella: Verbo Divino, 2002, p. 189-228.
- FRANCISCO. **Carta Encíclica «Louvado sejas»**. Prior Velho: Paulinas, 2015.
- FRANCISCO. **Exortação apostólica «Evangelii gaudium»**. Prior Velho: Paulinas, 2013.
- FUCHS J. **Gibt es eine spezifisch christliche Moral?** In: *Stimmen der Zeit*, v. 185, 1970, p. 99-112.
- GAFO, Javier. **Bioética teológica**. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2003.
- JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica «Evangelium vitae»**. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1995.
- LAUBACH, Th. **Was hat die Religion in der Angewandten Ethik verloren? Eine Problemorientierung**. In: LAUBACH, Th. (Ed.), *Angewandte Ethik und Religion*. Tübingen: Francke, 2003, p. 1-18.
- MIETH, D. **Das Proprium christianum und das Menschenwürde-Argument in der Bioethik**. In: HOLDEREGGER, A. (Ed.). *Theologie und*

**biomedizinische Ethik.** Grundlagen und Konkretionen, Freiburg: Herder, 2002, p. 131-151.

SCHOCKENHOFF, Eberhard. **Bonum hominis. Die anthropologischen und theologischen Grundlagen der Tugendethik des Thomas von Aquin.** Mainz: Grünewald, 1987.

SECKLER, M. **Theologie als Glaubenswissenschaft.** In: KERN, W. (Ed.), Handbuch der Fundamentaltheologie. Vol. 4, Freiburg: Herder, 1988, p. 179-241.

THEOBALD, Ch. **Le christianisme comme style. Entrer dans une manière d'habiter le monde.** In: Revue d'éthique et de théologie morale, v. 251, 2008, p. 235-240.

Recebido em: 06/09/2015

Aprovado em: 03/10/2015